

# **CLIPPING 3º VIDEOPBRASIL, 1985**



## 'Amigo Urso' e 'Vídeo Noir' vencem o 3º Vídeo Brasil

Da Redação da Folha

"Amigo Urso", em U-Matic, realizado pela TV Viva, e "Vídeo Noir", em VHS, de Renato Delmanto, Geni Kikuta, Cláudio Lins e Eduardo Oinegu, foram o vencedores do Grande Prêmio do Júri do 3º Vídeo Brasil, que terminou ontem, no teatro Sérgio Cardoso. Os outros premiados foram: na categoria "Ficção": "Pequenas Autópsias, Ilustres Biografias", da Ponto de Venda Vídeo (U-Matic) e "Vídeo-Poesia Descompasso", de Renato Bulcão, da Video Comunicações do Brasil (VHS); categoria "Clip": "Contratempo", de Gil Ribeiro/Videoverso (U-Matic) e "Pulsar", de Paulo de Tarso Oliva Barreto (em VHS); categoria "Ex-

perimental": "Non Plus Ultra", de Tadeu Jungle/TVDO (U-Matic) e "Interferência", da Emvídeo Empresa de Videocomunicação (VHS); categoria "Documental": "Último Garimpo", de Nelson Baltrusis e Waldir Martins (U-Matic) e "TV Livre, Sorocaba", de Luís Algarra e Cláudio Gambero (VHS).

Como Prêmio Especial do Júri, foram escolhidos os vídeos "Seres Noturnos", da Via Vídeo, "Mulher Índia", da Montevideo Produções e Cinema Ltda., "Meu Desejo É Cansaço", de Margot e Leonardo Crescenti, "Existirmos...A Que Será Que Se Destina", da Todo Mundo Vídeo e "Terra Santa" de Rita Moreira. O júri popular escolheu "55", de Mário Bonfiglio, Renato Gomes e Carlos Fariello.

# Monopólio das redes de TV, o tema do Festival de Vídeo

**Cunha Lima pediu ao  
Ministério das  
Comunicações um canal,  
a título precário,  
para o festival**

O monopólio das grandes redes de televisão é o principal tema do 3º Festival de Vídeo Brasil, promovido pelo Museu da Imagem e do Som, da Secretaria de Cultura, e pela Fotóptica. A mostra será realizada de 21 a 27 deste mês no Teatro Sérgio Cardoso, com a apresentação de doze horas de teipes, além de debates sobre a concessão de um canal para transmissão em UHF com alcance metropolitano. Trata-se do Projeto Antena Livre.

Segundo o secretário da Cultura, Jorge Cunha Lima, 53, a questão vai dar muito pano para manga. Mais um problema político que propriamente econômico, o grande receio seria a concorrência com as grandes cadeias nacionais. "As turbinas estão esquentando", brinca. "Atendendo às reivindicações dos independentes ao Instituto das Comunicações a concessão desse canal, a princípio a título precário (só durante o festival)". A resposta deverá ser dada amanhã pelo Ministério das Comunicações ao diretor do Museu da Imagem e do Som, Ivan Negro Isola, 36. Contudo não ficará descartado a continuidade das articulações visando uma permissão permanente.

Para se ter uma idéia da importância do festival, em 1983, 1º Vídeo Brasil, a produtora Olhar Eletrônico" (sucesso hoje na TV comercial) apresentou um projeto. De lá até Moscou, onde Roberto Varella fez algumas de suas louquíssimas entrevistas, passaram-se menos de dois anos. De qualquer forma, o Olhar Eletrônico foi uma das raras produtoras a conseguir veicular seu trabalho dentro de uma emissora convencional.

Um dos diretores do Olhar Eletrônico, Roberto Salatini, 27, que também estará presente neste 3º Vídeo Brasil, considera que esse tipo de transmissão a nível comunitário, aliado à emissão por cabo, possibilita a geração de uma programação voltada para as minorias, também tratando de assuntos mais diretamente ligados ao universo de interesses específicos. "Na Itália, por exemplo, onde existem apenas três grandes redes nacionais, há mais de mil canais privados do gênero".

Para o secretário Jorge Cunha Lima, o canal em UHF tem duas grandes vantagens: primeiro, representaria uma vitória política (pois mostrará que a programação pode ser feita de forma correta e de bom nível); segundo, se a permissão for permanente, muitos dos



atuais independentes se beneficiariam formando uma cooperativa.

Discordando dessa posição está João Carlos Serres, 32, diretor superintendente da produtora Barriga Verde. Para ele, um canal em UHF não seria economicamente viável (os custos seriam quase que os mesmos para a implantação de um canal comercial e o retorno de capital muito aquém das expectativas e necessidades). Isso implicaria em alterações na legislação vigente no que se refere a Comunicações, instalação de custosas redes de cabo, só para falar nos problemas mais imediatos que, na prática, remete essa alternativa à esfera das possibilidades remotas.

"Não se faz televisão só por amor à arte", desabafa. João Carlos, assim como Roberto Salatini, acredita ser válida a iniciativa do secretário da Cultura, mas ainda acha mais interessante a implantação de TV por cabo, pois esse sistema permite que o telespectador interessado seja acionista da emissora.

## PAPAI NOEL REABRE O MIS

Este ano ainda o MIS — Museu da Imagem e do Som — não poderá abrigar o Festival Vídeo Brasil, como aconteceu nas vezes anteriores: é que já há alguns meses ele está mudando de cara, passando por uma ampla reforma, que está custando aos cofres na Secretaria de Estado da Cultura a bagatela de Cr\$ 1 bilhão e 52 milhões de cruzeiros. "A herança que recebi ao assumir a direção do MIS foi uma exposição de ikebana,

dezenas de goteiras e curto-circuitos por todo o lado", afirma Ivan Negro Isola. "Ou seja, tratava-se de um caso peculiar: um museu sem acervo. Agora, o objetivo é reverter a situação".

E Jorge Cunha Lima brinca: o MIS estará de portas abertas até o Natal para gravar o depoimento de Papai Noel. "Tem que estar tudo pronto até dezembro", diz, já alertando os menos avisados de que não aceitará desculpas de atrasos devido a chuvas, a falta de chuvas, ou qualquer outro motivo.

De concreto: o auditório vai virar também estúdio (está recebendo tratamento acústico para este fim), as poltronas e o ar condicionado foram reformados, o palco foi ampliado e será reinstalado o laboratório fotográfico, o arquivo do museu está sendo climatizado e, ainda, está sendo implantado o Projeto Convívium. Trata-se de espaço destinado à divulgação de concertos, lançamentos de livros, discos e filmes, inaugurações de exposições, palestras, cursos e seminários. A instalação de um bar, uma loja e uma sala de som estão quase prontos.

## GERAR ACERVO

Foi elaborada uma extensa programação de atividades geradoras de acervo relativo à história dos audiovisuais. Há a "Odisséia dos Sons", projeto voltado à realização de uma exposição que buscará recuperar todas as referências ligadas ao desenvolvimento neste campo. Já o "Luz, Sombra e Movimento" é um projeto que visa à reconstituição histórica do processo graças ao qual o homem observa, registra e reproduz o mundo que o cerca. Uma de suas mais importantes partes refere-se ao "Projeto Holos", que pretende incentivar o centro de Pesquisas Holográficas, cujo objetivo é a divulgação e realização desta nova linguagem artística, que é a holografia, além de promover o desenvolvimento de sua ilimitada potencialidade científica e tecnológica. Aliás, esse trabalho está sendo feito em conjunto com a Secretaria de Indústria e Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado.

"A Fotografia Como Ferramenta", por sua vez, é um programa de atividades didáticas, formativas e informativas, que prevê a reformulação da mostra permanente do acervo fotográfico do Museu. Há, também, o "Projeto Vera Cruz", que busca criar condições para a divulgação do acervo daquela companhia cinematográfica, depositado no MIS por Wálter Hugo Khouri.

Por fim, há o projeto referente à "História do Cinema", que será contado por intermédio de mostras e ciclos retrospectivos e temáticos, além de exposições de cartazes. Num primeiro momento, foi estabelecida com a Air France a realização de uma Mostra de Cartazes do Cinema Francês.

# Maturidade da produção marcou o III Vídeo Brasil

Faliny Barros

São Paulo — Encerra-se hoje à noite a terceira edição do Vídeo Brasil, o festival de vídeo promovido anualmente pelo MIS/Fotoptica e Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

O festival este ano veio com boas surpresas e quem o acompanhou nos dois últimos anos, pode notar o sensível amadurecimento da produção nacional, não só no plano estético, mas também a nível de articulação política entre os produtores.

O Vídeo Brasil começou na segunda-feira, 21, com uma edição de 7 minutos com imagens que sobram nas transmissões da TV Livre de Sorocaba, emissora-pirata que funcionou por cerca de um mês transmitin-

**GLAUBER**  
Abertura do vídeo "Glauber", da Telecine Maruin

do uma programação voltada para a comunidade da cidade, e teve seu transmissor lacrado pelo Dentel há algumas semanas. A programação contou também com alguns dos melhores trabalhos da mostra: **Paracebo**, da produtora mineira Emvído, que concorreu com mais três vídeos de excelente qualidade; **Ubu, Folias Físicas, Patafísicas e Músicas**, uma ficção da TVDO encima da última peça do grupo teatral Ornitorrinco; e **Brasil Aventura, Grande Sertão**, de Gil Ribeiro, da Videoverso, que começa com um clima futurista mas que alcança seu ponto alto nas imagens poéticas descrevendo trechos da obra de Guimarães Rosa.

Na quarta-feira, foi exibido o vídeo **Amigo Urso**, um dos melhores momentos da TV Viva de Recife, que é uma experiência de televisão itinerante, organizada por um grupo de pessoas, financiadas por uma fundação holandesa sem fins lucrativos. A TV Viva produz uma programação variada e muito bem-humorada, sobre as experiências da co-



Paulo Maia, ator de "Non Plus Ultra", da TVDO

munidade, e a exibe em telões dentro de um caminhão que roda semanalmente vários bairros de Recife e das cidades vizinhas.

A programação de quinta-feira começou com uma retrospectiva de vários trabalhos da produtora Olhar Eletrônico, que este ano não participou com vídeos na competição oficial do festival, mas que assim mesmo seduziu o público do Teatro Sérgio Cardoso com a emoção e a inteligência de suas realizações anteriores.

Sexta-feira foi o dia dedicado aos pioneiros, uma mostra dos trabalhos dos primeiros **videomakers** brasileiros, com produções realizadas entre os anos de 1974 e 1980 no Brasil e nos

Estados Unidos. A mostra dos pioneiros só foi possível de acontecer graças a colaboração de uma equipe de verdadeiros arqueólogos eletrônicos, como João Clodomiro do Carmo, da Livraria Neon, e da Sony do Brasil, que cedeu todos os recursos técnicos necessários para recuperação dos teipes que em muitos casos eram ainda editados com gilete e fita crepe.

A mostra dos pioneiros exibiu produções de pessoas em destaque no universo videográfico brasileiro, como **Ándea Tonacci**, Artur Matusck, José Renato Aguilhar, Júlio Plaza, Rita Moreira, Regina Vater, Roberto Sandoval, Sonia Miranda, Tadeu Jungle, Walter Silveira entre vários outros.

O sábado foi marcado pela presença de vídeos mais sofisticados em pesquisa de linguagem: **Non Plus Ultra**, de Tadeu Jungle, da TVDO, ofereceu ao público 32 minutos de música, poesia, sexo, violência, política e humor entrelaçados em imagens e performances de atores interpre-

tando um diretor italiano, bem "feliniano", um repórter, um poeta, uma musa e vários loucos.

**Interferência**, também da produtora mineira Emvído, realizado a partir de uma exposição de cartões postais feitos com fotografias a noite com elegante beleza plástica.

Todos estes vídeos estão concorrendo a um Grande Prêmio de oito milhões de cruzeiros e mais quatro prêmios de cinco milhões nas categorias ficção, documental, vídeo clip, e experimental, respectivamente em U-Matic e VHS, além de vários prêmios especiais que vão ser dados a critério do júri, no encerramento desta noite.

**Mostras Paralelas.** Todas as noites, após as mostras, o público assistia às performances de Otávio Donasci, ator e pesquisador de linguagem nos meios eletrônicos, que faz um trabalho interessante combinando vídeo e teatro. Donasci parou a Av. Rui Barbosa na abertura do festival, vestido com seu protótipo (fantasia

com um monitor de TV no lugar da cabeça) e desfilando em cima de um cavalo. Hoje ele encerra o festival regendo um vídeo-sinfonia.

Fernando Gabeira, também participou do festival com uma mostra dedicada aos seus últimos trabalhos jornalísticos abordando temas como agrotóxicos, AIDS, lixo atômico e encontros de comunidades alternativas.

Outra atração do III Vídeo Brasil foi a exposição **Arte na Trama Eletrônica** com cinco dos mais expres-

sivos grafistas de videotexto no mundo: Benjamin Marques, português, Lie Liang Khing, indonésio, Rodolfo Citadino, egípcio radicado no Brasil e curador da mostra, Nelson das Neves e Vergínio Zamboni Neto, brasileiros.

Além de tudo isto, o público ainda teve a oportunidade de assistir a todos os vídeos que participaram das competições anteriores do festival, disponíveis em uma Videoteca organizada pelo Museu da Imagem e do Som, e que funciona

todas as tardes ao lado de um videobar, onde se pode degustar deliciosos sanduíches com os nomes sugestivos de U-Matic, VHS e Betamax.

**Debates.** Uma das iniciativas mais importantes do festival, foi a organização de vários debates, denominados de "Antena Livre" para discutir com produtores e com o público interessado as mudanças para uma política do direito à informação no Brasil, e as transformações que deverão ocorrer no Código de Telecomunicações Brasileiro no âmbito da próxima Constituinte.

Pela primeira vez, em três anos, os produtores conseguiram se organizar em grupos de trabalho que estudaram propostas, a serem levadas ao presidente da república, para regulamentação de atividades ligadas ao interesse das produtoras independentes: o direito de obter espaço para seus programas nas TVs brasileiras, seja através de horários nas televisões educativas, seja pela criação de canais de baixa potência em UHF.



Cena de "Antena", outro vídeo concorrente na categoria experimental no III Vídeo Brasil

Julio Worcman



"Glauber", uma colega das entrevistas do diretor à TV, um dos vídeos com que a produtora carioca Maruin concorre no Vídeo Brasil deste ano



Otávio Donasci, com um trabalho a cada dia mais sofisticado, mistura vídeo e teatro em performance que apresentará também no III festival Vídeo Brasil

## III Vídeo Brasil mostra 50 produções inéditas

Começa amanhã o **III Vídeo Brasil**, o mais importante evento de vídeo do país, promovido pelo MIS (Museu da Imagem e do Som), Fotoptica e Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

O festival abre sua programação com uma homenagem à ousada iniciativa dos rapazes de Sorocaba de colocar no ar a 1ª televisão pirata do Brasil, que prestava serviços a toda comunidade, e foi interdita pelo Dentel há poucas semanas.

A programação do festival segue até o dia 27, exibindo 50 vídeos inéditos de todo país, e promovendo mesas-redondas para discutir o processo de democratização do Código

de Comunicações brasileiro, com a abertura de novos canais de televisão.

Somente 4 vídeos cariocas foram selecionados para a mostra competitiva do festival. Os 4 foram produzidos pela Tele Cine Maruin.

**Nelson de Copo e Alma**, sobre Nelson Cavaquinho, **Glauber**, que é uma colagem de entrevistas com o cineasta, **Princesinha do Mar**, sobre a prostituição em Copacabana, e **Tancredance**, que mostra a perplexidade da população brasileira diante da doença e da morte de Tancredo Neves.

Junto com os programas, quem

visitar o festival poderá ver as vídeos instalações de artistas plásticos e as surpreendentes **performances** de Otávio Donasci que trabalha misturando vídeo e teatro.

O Vídeo Brasil, este ano, vai acontecer no Teatro Sérgio Cardoso, que fica na Av. Rui Barbosa, 153, e além dele quem passear pela capital paulista esta semana vai poder ver a 18ª Bienal Internacional de Artes, no Parque do Ibirapuera e a 9ª Mostra Internacional de Cinema que está espalhada pelos vários cinemas da cidade e no Palácio das Convenções do Anhembi, com filmes de 33 países. Vale a pena conferir. (Faliny Barros)



## VideoBrasil: vale a experiência.

Jovens de cabelos curtíssimos, parcialmente iluminados por luzes de monitores, os **videomakers** — profissionais envolvidos na criação em vídeo — já formam um grupo numeroso: reunidos, conseguiram lotar o saguão, mezanino e auditório do Teatro Sérgio Cardoso, durante a abertura do **III VideoBrasil** — Festival de Linguagens Eletrônicas, na última segunda-feira.

Os novatos não paravam de circular, dispostos a aproveitar ao máximo a oportunidade de se reunir e trocar experiências, já que não há salas de exibição para vídeos experimentais em São Paulo. E o Festival só dura uma semana — termina domingo próximo.

Mas quem estabeleceu uma perfeita harmonia com o cenário de abertura do VideoBrasil foi Otávio Donasci, o "homem vídeo". Durante sua performance — o "Videotauro", um cavalo com um monitor da TV de 20 polegadas no lugar da cabeça (foto) — ele circulou pelas ruas do Bixiga, para espanto dos moradores, e marcou o início da apresentação dos vídeos — cerca de 90, dez a mais que no ano passado — entre ficção, experimentais, jornalísticos e videoclips. Além de trabalhos realizados individualmente, participam da mostra cerca de 20 produtoras independentes. Entre eles, Luís Algarra, da TV Livre de Sorocaba, primeira emissora de tevê clandestina do País.

## Videobrasil, a vez do vídeo independente.

A partir de segunda-feira, às 20h, o vídeo independente entra no ar. Por uma semana apenas, e no circuito fechado do Teatro Sérgio Cardoso. Nesse dia, enfrentando a concorrência das artes plásticas da Bienal e dos filmes no Festival Internacional, começa o **III VideoBrasil**, programação que reúne mostra competitiva, e exibições especiais de teipes feitos por profissionais e amadores brasileiros.

Neste ano estarão competindo 50 trabalhos, selecionados de um total de 95 inscritos. Serão exibidos e premiados dentro de quatro categorias: ficção, experimental, documental/jornalístico e vídeo-clip. Os que não passaram pela filtragem da seleção só serão mostrados paralelamente na sala chamada de Videoteca.

Entre os vários produtores classificados, a **TV Viva**, de Olinda, Pernambuco, está despertando atenção. Segunda colocada na Mostra Latino-Americana em Nova York, na semana passada, trabalhos vendidos à **BBC**, de Londres, ou veiculados na **Abril Vídeo** e **Teve Educativa**, ela chega disposta a levantar algum dos prêmios oferecidos pela produção da mostra, com o programa **Amigo Urso**, uma reportagem onde o repórter Bri-



*Amigo Urso, programa da TV Viva de Olinda, um forte concorrente.*

valdo (que se apresenta conforme seu entrevistado) pergunta às pessoas: "Todo brasileiro é corno?".

Na mostra paralela, este ano chamada de "informativa", estarão algumas atrações especiais. Cândido Mendes vai exibir um documentário **Gay Pride Day** — sobre a parada **gay**, que se realiza anualmente em Nova York. A Intervideo preferiu uma edição do **Conexão Internacional**, com a entrevista

de Jorge Luis Borges. Da **Olhar Eletrônico**, virá uma retrospectiva. E de Fernando Gabeira, uma série de reportagens, veiculadas originalmente no Sexta-Feira, da **Teve Bandeirantes**.

Ainda nesse setor estará uma retrospectiva de 35 trabalhos realizados entre os anos 74 e 80 por diversos artistas plásticos. Seu título: **Os Pioneiros**. E como nos dois anos anteriores, lá estará, também, Otávio Donasci e suas "vídeo-criaturas", uma mistura de linguagem eletrônica e teatro. De pano de fundo, a exposição "A Arte na Trama Política", de Rodolfo Cittadino.

Mas um dos principais momentos do **III VideoBrasil** será o debate sobre o acesso aos canais de tevê em UHF. Há uma proposta de criação de uma cooperativa de produtores audiovisuais para solicitar ao Ministério das Comunicações a concessão ou permissão de uso de um canal nesse sistema.

A programação dos teipes concorrentes e fora da disputa vai até sábado. No domingo, serão divulgados e exibidos os vídeos vencedores e, no final, a **Video-sinfonia**, uma performance criada por Otávio Donasci para encerrar o festival.

## Televisão

# Os jovens do vídeo

*Os produtores independentes vão à luta num festival, nas praças e nas grandes redes nacionais*

**E**mbalados pelo lema "uma idéia na cabeça e uma câmara na mão", popularizado pelo cineasta Jean-Luc Godard, os jovens dos anos 60 que gostavam de imagens em movimento e se julgavam donos de algum talento não tinham como escapar do fascínio do cinema. Para se chegar às telas, no entanto, era preciso realizar curtas-metragens, ser assistente de direção, aprender a usar câmaras complicadas e só então chegar a um público mais amplo. A televisão, naqueles anos, era considerada o túmulo da criatividade. Nos anos 80, no entanto, a situação se inverteu: cada vez mais a televisão vem tomando o lugar do cinema na preferência dos jovens candidatos a artistas. Tanto é assim que a III Vídeo Brasil, uma mostra de vídeos inéditos que começa nesta segunda-feira em São Paulo, recebeu quase 100 inscrições. Dos cinquenta vídeos selecionados para a mostra competitiva, há vários de ótima qualidade, tanto na inventividade quanto no apuro técnico.

Em apenas três anos a geração do vídeo deixou de ser vista como jovens que queriam brincar de televisão para ser levada a sério pelos profissionais mais exigentes das grandes redes nacionais. A geração do cinema novo brasileiro levou mais de uma década para se solidificar, a um custo financeiro bem superior, e só sobreviveram uns poucos cineastas do pelotão inicial. Nos jovens produtores de vídeo, o passo é bem mais acelerado. Tome-se o caso da Olhar Eletrônico, uma empresa formada por quatro estudantes universitários, que se lançou na I Vídeo Brasil, em 1983, em que faturou os prêmios principais. Na mostra atual, eles são ilustres convidados e apresentarão um vídeo de 1 hora resumindo a carreira fulminante do grupo: hoje, a produtora veicula seus programas, semanalmente, no *Fantástico*,



Silveira e Jungle, da TVDO: experimentação



Ribeiro, da Videoverso: programas para empresas

da Rede Globo, no horário mais nobre da televisão brasileira.

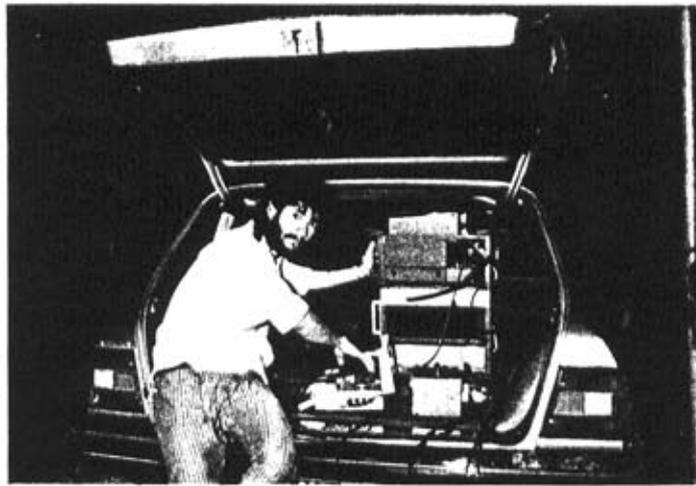
Junto com a Olhar Eletrônico, as produtoras independentes cresceram, se diversificaram e se espalharam pelo país. Segundo dados do Sindicato de Produtores de Cinema e Vídeo do Brasil, existem atualmente sessenta empresas produzindo vídeos no país, operando das mais diferentes maneiras. Elas tanto fazem vídeos experimentais, de difícil comercialização (como a TVDO, de São Paulo) quanto produzem programas comunitários apresentados em telões de praças públicas (caso da TV Viva, do Recife). E a Olhar Eletrônico não é a única a deter a glória de ter um contrato assinado com a Globo. No mesmo caso está a Produtora de Artes e Movimento, do Rio de Janeiro. Algumas das produtoras independentes foram criadas por ex-integrantes das grandes emissoras, mas, mais frequentemente, elas são fruto de jovens que investem firme na criatividade depois de aprender a usar o equipamento básico (veja o quadro à página 120).

**COM GUIMARÃES ROSA** — "A produção independente não é uma moda passageira", avalia Daniel Filho, 48 anos, diretor da Central Globo de Produções. "Tudo indica que ela veio para ficar." Para Daniel Filho, o esquema independente é vantajoso tanto para quem faz como para quem compra vídeos. "Alguns garotos podem comprar uma câmara em sociedade e começar a fazer vídeos com um mínimo de conhecimentos técnicos", diz. Com isso, os independentes podem treinar na prática, até aprenderem a transmitir o seu recado ao público. Para as emissoras, por sua vez, os independentes podem trazer duas vantagens. A primeira é financeira, pois elas não precisam manter equipes fixas de produção, comprando os programas que mais lhes agradem. A segunda se resume à palavra "qualidade". "Quem faz vídeos bons não tem qualquer dificuldade em vendê-los para as redes", completa o diretor.

Mesmo sem vender programas incessantemente para as redes, muitas produtoras conseguem se manter com relativa tranquilidade. A Videoverso, de São Paulo, por exemplo, sobrevive financeiramente produzindo teipes de treinamento para empresas privadas ou institucionais. "Temos hoje um faturamento mensal de 150 milhões de cruzeiros", diz Gil Ribeiro, 33

anos, diretor de arte da Videoverso. Com essa margem de lucro, a produtora se dá o direito de fazer programas artisticamente elaborados, como o vídeo *Liso do Sussuarão*, inspirado em escritos de João Guimarães Rosa. Pela Videoverso já passaram Tadeu Jungle, 29 anos, e Walter Silveira, 30, que, depois de produzirem programas para a TV Cultura, de São Paulo, e a Rede Bandeirantes, dedicam-se agora exclusivamente aos vídeos experimentais. Eles são donos da TVDO, cujo último trabalho é o vídeo *Non Plus Ultra*, 32 minutos bastante pretensiosos sobre artistas de vanguarda. "Se for para fazer vídeos institucionais ou de propaganda, prefiro trabalhar num banco", sentencia Tadeu Jungle.

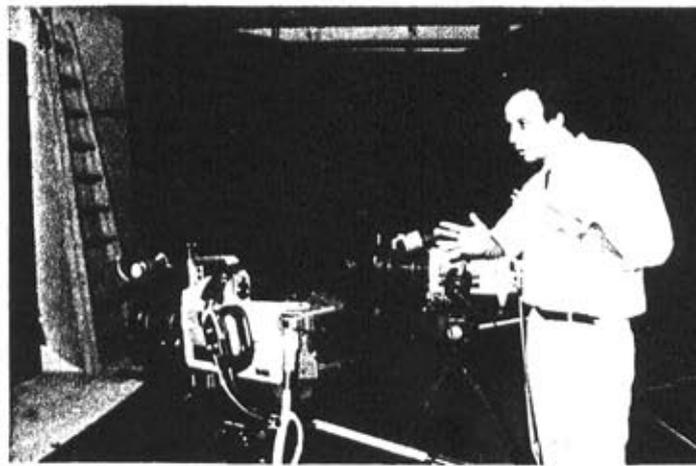
**TEMAS PERNAMBUCANOS** — Mesmo projetos aparentemente exóticos têm chances de se tornar realidade no surto de produtoras independentes. Há pouco mais de um ano, por exemplo, um grupo de jornalistas e artistas que trabalhavam na Grande Recife, em Pernambuco, teve a idéia de produzir vídeos para apresentá-los em praças públicas, em telões. Como os participantes do grupo não tinham dinheiro para bancar a empreitada, eles resolveram colocar o projeto no papel para pleitear financiamento junto à Novib, uma fundação do Parlamento da Holanda que administra verbas para atividades culturais em todo o mundo. A fundação holandesa gostou do projeto e enviou 35 000 dólares (cerca



Wagner, da TV Viva: projeção na periferia do Recife

de 285 milhões de cruzeiros) para o grupo, que comprou equipamentos básicos e fundou a produtora TV Viva, com sede em Olinda.

Hoje, a TV Viva produz um programa de variedades de 60 minutos todos os meses, que é apresentado em praças da periferia do Recife. Além disso, a produtora



Weissmann, da Spectrum: na Record e na Bandeirantes

já vendeu um programa para a prestigiada BBC, a emissora estatal da Inglaterra, possui clientes particulares e abriga uma equipe de doze pessoas — cada uma delas recebendo um salário de cerca de 2 milhões de cruzeiros por mês. "O nosso público só tem aumentado", diz o iluminador Adalberto Wagner, 28 anos. "O público está querendo sair da poltrona e ver coisas novas." De novo, a TV Viva mostra nas praças uma mistura de quadros para crianças, reportagens, piadas e documentários sobre temas pernambucanos.

Sucesso semelhante, mas por vias opostas, teve a Spectrum, de Rio de Janeiro. A produtora começou há um ano e meio com uma equipe de seis pessoas. "Passamos seis meses sem um único patrocinador", lembra Sérgio Weissmann, 29 anos, dono da Spectrum. "Agora, somos quarenta pessoas fazendo 12 horas semanais de programa para a TV Record do Rio de Janeiro e para a Rede Bandeirantes." A produtora de Weissmann é responsável pelo programa de entrevistas *Encontro Mercado*, com Danusa Leão levado ao ar todas as noites pela Record do Rio, por dezena de videoclips e por especiais como *Nossa Amazônia*, levado ao ar no mês passado pela Bandeirantes. "Há pouco mais de um ano, eu não era nada", diz Weissmann, "e hoje sou maior produtor independente do Rio." Com exemplos como esse, nada mais atraente que produzir vídeos.

## Pistas básicas para quem quer começar

*Se um grupo de amigos decidir montar uma produtora independente, o primeiro passo é bolar um nome e registrar a firma num cartório. Depois, além da idéia na cabeça, é preciso seguir alguns pontos básicos:*

- Em primeiro lugar, é necessário ter a câmara na mão. Convém tê-la na mão por pouco tempo, alugando-a numa produtora que já tenha equipamen-

to. O aluguel de uma câmara custa cerca de 400 000 cruzeiros por dia.

- Os produtores precisam comprar fitas virgens, de preferência do sistema VHS, que é o usado nos videocassetes domésticos. As emissoras só usam o sistema U-Matic, três vezes mais caro que o VHS. Cada fita virgem de VHS, de 2 horas de duração, custa 100 000 cruzeiros.

- De posse do material gravado, é necessário selecionar as melhores imagens, encadeando-as em função da idéia que se quer veicular. Esse trabalho é feito na aparelhagem chamada ilha de edição. O aluguel de uma ilha fica hoje em 150 000 cruzeiros a hora. É bom entrar no estúdio sabendo o que se quer fazer

com o material, pois o taxímetro está correndo.

- Aqueles que estiverem bastante seguros de que o vídeo é a sua linguagem poderão comprar o equipamento básico de uma pequena produtora. Esse equipamento inclui a câmara, a ilha de edição e as lâmpadas especiais para gravações noturnas. Ele está orçado em 200 milhões de cruzeiros, no sistema VHS. No U-Matic, o preço dobra.

- Montada a produtora, há que se ter clientes para que ela sobreviva. Nesse instante, vale a velha regra de colocar o produto debaixo do braço e sair à cata de emissoras, festivais, empresas ou eventuais mecenas.